

## ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE PALMEIRAS DO RIO GRANDE DO SUL

Marcelo Rossato<sup>1</sup>; Rosa Lía Barbieri<sup>2</sup>.

Palavras Chaves: Euterpe, Butia, Syagrus, Trithrinax, Geonoma, Bactris, etnobotânica.

### INTRODUÇÃO

A exploração sem um plano de utilização racional dos recursos naturais põe em risco a manutenção de grande parte dos ecossistemas, a ponto de pôr em risco a sobrevivência de muitas espécies. Estes sistemas ecológicos extremamente distintos, nas diferentes regiões brasileiras, sofrem com a ação antrópica. Alguns ecossistemas estão seriamente ameaçados, como é o caso dos Cerrados e da Mata Atlântica; outros possuem apenas uma parte de seu contexto ameaçado, como, por exemplo, os palmares da Região da Campanha do Rio Grande do Sul.

As palmeiras nativas do Rio Grande do Sul agregam uma série de fatores sociais e econômicos à sua ecologia. Desde os primeiros registros de seres humanos que habitavam a região sul do Brasil, são encontrados indícios de que as palmeiras, principalmente o gênero *Butia* (butiás), estão relacionadas a seus hábitos e costumes.

O presente trabalho objetiva o resgate do conhecimento etnobotânico referente às palmeiras nativas do Rio Grande do Sul, verificando a utilização e potencialidades para as comunidades onde estas espécies estavam ou estão inseridas.

### MATERIAL e MÉTODOS

Foram realizadas entrevistas com moradores de quatorze municípios do Rio Grande do Sul (Tabela 1). Os entrevistados tiveram idade variando entre 45 anos a 102 anos, e foram escolhidos de acordo com diferentes critérios:

- a. pela presença de população(ões) natural (is) de palmeiras nativas na propriedade;
- b. por indicação das prefeituras municipais ou estabelecimento de ensinos.

---

<sup>1</sup> Biólogo, M.Sc., Professor da Universidade de Caxias do Sul, Campus da Região dos Vinhedos, Departamento de Ciências Exatas e da Natureza, Av. Getúlio Vargas 1130, CEP 95070560, [mrossato@ucs.br](mailto:mrossato@ucs.br). Aluno do programa de doutorado em Agronomia – Fitomelhoramento UFPEL.

<sup>2</sup> Bióloga, Dra., Pesquisadora da Embrapa Clima Temperado

Além do levantamento dos dados pessoais (Tabela 1), foi questionado a respeito da origem da(s) população(ões) natural(is) de palmeiras nativas em questão, sobre a história dessas populações e os usos que eram destinados para cada espécie.

Tabela 1. Pessoas entrevistadas para o estudo etnobotânico das palmeiras nativas do Rio Grande do Sul.

<b>Entrevistado</b>	<b>Município</b>	<b>Profissão</b>
José Figueiredo	Bagé	capataz
Élvio Fernandes	Caçapava do Sul	estancieiro
Alvina Brancher	Caxias do Sul	agricultora
José Rossato*	Caxias do Sul	agricultor
Luis dos Reis	Criúva/Caxias do Sul	professor
Rogério Luiz Cansian	Erechim	professor
Élgia Amaro Leite	Herval do Sul	estancieiro
Pedro Menegotto	Jaquirana	estancieiro
Carlos Renato Barbosa da Silva	Lavras do Sul	diretor de empresa
Pedro Meneses*	Pedras Altas	capataz
Remy Queiroz de Oliveira	Quaraí/Uruguaiana	professor
Pedro Moreira Rota	Santa Vitória do Palmar	orizicultor
João Roberto da Silva	Santana do Livramento	estancieiro
Gessira Borges	Bom Jesus	Fazenda rural
José Bampi	Torres/Terra de Arreia	agricultor

\* *in memoriam*

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No Rio Grande do Sul as palmeiras estão sendo gradativamente eliminadas para dar lugar à monocultura extensiva ou a pastagens para o gado. De acordo com os entrevistados, nas regiões de Santa Vitória do Palmar, Quaraí e Herval do Sul existiam, entre 1920 a 1940, extensos palmares que, geograficamente, eram continuação dos palmares do Uruguai. Todas estas plantas foram derrubadas por tratores para dar lugar à cultura do arroz.

Pela sua imponência e elegância as palmeiras são plantas muito cobiçadas para fins ornamentais. Os entrevistados relataram que muitas mudas de espécies dos gêneros *Trithrinax*, *Geonoma*, *Bactris*, *Syagrus*, *Butia* e *Euterpe* foram retiradas de seu habitat por pessoas, que invadiam terras alheias, e as levavam para comercializar na cidade. Os gêneros *Geonoma* e *Trithrinax* são muitos sensíveis à troca de ambiente, tendo, conseqüentemente, pouco tempo de função paisagística.

Na região da serra muitas pessoas comentam sobre a utilização do *Syagrus* (gerivá). É uma planta que, no inverno rigoroso, foi responsável por manter a alimentação do gado e das mulas. Muitos contam com fervor como subiam nos coqueiros sem segurança nenhuma, pés descalços para não escorregar, para cortar as folhas e utilizá-las na alimentação animal. Já os frutos não eram muito apreciados pelos seres humanos, pois não são tão saborosos e deixam uma liga na boca (por isso eram conhecidos como coquinho-de-catarro). Mas nem tudo era trabalho. As espatas, canoas do coqueiro, serviam de esquis para as crianças, que molhavam a grama dos morros e divertiam-se deslizando sobre as canoas. Os frutos verdes eram projéteis de uma arma poderosa, o bodoque (funda ou estilingue).

Alguns entrevistados citaram a utilização dos frutos de butiá como fonte de alimento pelos indígenas riograndenses, na forma *in natura* na época de frutificação, e a amêndoa da sua semente (coquinho), a qual podia ser armazenada por um longo período. Além disso, suas folhas, ricas em fibras, foram de grande utilidade no artesanato; na fabricação de cestas, chapéus, bolsas, redes, armadilhas para caça e pesca. Depois de secas, as folhas também eram utilizadas como cobertura de suas cabanas. Relataram também que índios nômades que habitavam a região das Missões e Planalto Central, no período de verão, e que no inverno partiam para o Paraná, próximo à fronteira com a Argentina e o Paraguai, mais precisamente na região de Foz do Iguaçu, traziam consigo frutos de *Butia* para alimentação. Como muitos jogavam as sementes pelo caminho, a rota que os índios faziam ficou evidenciada pelos palmares remanescentes, plantados aleatoriamente por este processo, chamado de “caminho dos butiás”.

De acordo com os entrevistados, o butiá forneceu suas folhas para utilização como fibras (crina) para fábrica de colchões, geralmente em locais onde existiam grandes palmares: Quaraí, Barra do Ribeiro, Santa Vitória do Palmar. Esta atividade empregava grande quantidade de mão-de-obra, a qual foi suplantada com o advento da indústria petroquímica. Em 1953, a produção de “crina vegetal” do Rio Grande do Sul e Santa Catarina teve seu auge, sendo vendida para São Paulo e Rio de Janeiro, embora não figurem nas estatísticas econômicas federais (Bondar, 1964). Atualmente, dependendo da região, o uso desta palmeira é bem diversificada, sendo o grande mérito desta planta seu uso na culinária, na fabricação de geléias, sucos, licores e óleo. Na região litorânea a população associa o butiá com cachaça, pois é uma região de produção artesanal da bebida (proveniente da cana-de-

açúcar). Ali os frutos de butiá são imersos em cachaça, é adicionado açúcar e se deixa descansar por um período, o que resulta em uma combinação muito apreciada pelos veranistas.

Um considerável número de butiás teve um destino não muito nobre: foram cortadas para obtenção de mel de palma. O processo consiste no corte da palmeira e a colocação do tronco num ângulo de aproximadamente 30° com um recipiente na base, para recolher a seiva do tronco, com sua copa já cortada. Existem relatos que o procedimento de fabricação do mel de palma é feito de outra maneira. Os nativos cortavam a extremidades da inflorescência e coletavam a seiva que escorria destes cortes. Após a retirada da seiva, é levada a fogo baixo e adicionando açúcar até o ponto desejado (gosto doce), e envazado. Devido ao conhecimento empírico de que este produto possui importantes propriedades medicinais na cura de problemas respiratórios, foi utilizado ou comercializado em grande escala na região de fronteira. Uma sinonímia mencionada nas entrevistas é o “vinho de palma”. Os uruguaios eram os principais fabricantes. Atualmente várias pessoas têm acesso ao vinho de palmeiras. Como descrito no mel de palma, a maneira com se obtinha o vinho de palmeira é bastante diversificada, alguns dizem que se obtém do miolo (palmito), da inflorescência nova ou da polpa dos frutos; cada uma destas possibilidades produziria um vinho de paladar diferente. Atualmente o termo “vinho de palma” é conhecido como suco de açai (*Euterpe oleracea* Mart.).

## CONCLUSÃO

As comunidades naturais de palmeiras no Rio Grande do Sul vêm sendo gradativamente destruídas para dar lugar à monocultura extensiva ou a pastagens para o gado, sofrendo também com a exploração extrativista. Várias partes das palmeiras nativas são utilizadas na alimentação humana e animal, e também no artesanato.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Azambuja P.(2001) **Tahim a última divisa, geografia e história de uma região**. Ed. Polygraph & Stillus Artes gráficas: Complementação do livro Histórias das terras e mares do Chuí/1978 II Vol. P236-239.

Bondar G. (1964) **Palmeiras do Brasil**. Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo. Instituto de Botânica. Boletim nº 2. pg 159.